



15 DE NOVEMBRO DE 1889

O mês em curso recorda-nos, mais uma vez, a jornada memorável de 15 de novembro de 1889 e o papel que o Exército nela teve.

O descontentamento do Exército era visível e remontava ao período que se seguira à guerra do Paraguai.

Nos 19 anos que medearam entre o fim da guerra e a proclamação da República, o Exército, posto de lado, vegetou.

A monarquia não interessava a glória de chefes militares que, pela sua coragem nos campos de batalha, haviam conquistado o coração do povo e elevado conceito perante a Nação. No fundo da questão estava o temor do monarca ao prestígio de homens como Lima e Silva e Osório.

A situação chegou a tal ponto que os militares abstinham-se até de usar as suas condecorações e de falar que haviam estado na nossa maior guerra. Os nossos heróis se escondiam como se fôsse vergonha bater-se pela Pátria!

Não era de admirar, portanto, que a deterioração dessa situação levasse o Exército a se juntar às classes sociais já descontentes com as conseqüências da abolição da escravatura para derrubar o último Bragança e proclamar a República, principalmente depois de fermentações como a chamada questão militar e a famigerada transferência para Mato Grosso de Chefes de prestígio como o Marechal Deodoro.

Raia o dia 15 de novembro de 1889.

Pairavam no ar boatos de subversão da ordem vigente.

Os Tenentes Joaquim Ignácio e Sebastião Bandeira, antecipando-se a Deodoro, já teriam proclamado a República na noite de 14-15, em plena Rua do Ouvidor, perto do Largo de São Francisco de Paula.

O ministério de Ouro Preto, sem os Chefes do Exército, reúne-se no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro.

Sem dúvida, o Barão de Ladário inspirava confiança.

Contingentes sucessivos de Marinheiros alinhavam-se em torno daquela praça de guerra.

Final, Ouro Preto toma heróica resolução. O Exército era a chave da situação. Que seguissem todos, pois, para o Quartel-General do Exército. Assim foi feito. O velho quartel do Campo da Aclamação seria o local onde, pela derradeira vez, se reuniria, coletivamente, um gabinete monárquico. Na verdade, seria também o túmulo do Império.

Quando Ouro Preto e sua comitiva, inclusive Ladário, entraram na Secretaria da Guerra, já lá se encontravam o Visconde de Maracajú, Ministro da Guerra, os Generais Barreto, Barão do Rio Apa e Amaral e vários oficiais superiores. O pátio do Quartel-General estava coalhado de soldados aparentemente fiéis ao governo. Ladário sai e encaminha-se para o Arsenal, a tomar providências.

Em frente ao Ministério, tropas, conduzidas pelo próprio Marechal Deodoro, formam em linha de combate.

Chega a hora decisiva.

O Capitão Godolphim, com uma escolta de oito soldados, apenas, faz alto em frente ao portão do quartel.

Minutos após, Deodoro, à frente de seu Estado-Maior, entra pelo portão a dentro e viva a República.

Estava deposta a Monarquia.

Ladário regressa. Era um dos membros do Gabinete e, por isso, teve ordem de prisão.

Resistindo, é ferido a bala, lavando o seu sangue a honra da monarquia.

Deodoro sobe e vai até à Secretaria, onde se achava Ouro Preto com os seus Ministros.

Deodoro declara-lhe que o governo está deposto.

D. Pedro II, chamado pelo Chefe do Gabinete, desce de Petrópolis onde se encontrava.

Ao chegar, tenta ainda consertar a situação. Discute com o Visconde de Ouro Preto. Quer nomear o Conselheiro Saraiva para a Chefia do Gabinete. Manda chamar Deodoro, mas este não é encontrado.

Tudo estava findo. Como disse Paulo Filho, o Exército e a Armada, unidos pela devoção à camaradagem, se levantaram não contra o regime parlamentar, mas contra os homens desse mesmo regime:

É que a monarquia bruxoleava.

Os partidos da Corôa, há tempos, haviam abdicado de suas prerrogativas. Viviam sem autoridade, o monarca compondo e recompondo gabinetes, ora de um, ora de outra côr política.

O trono fazia e desfazia as maiorias das câmaras.

E nessa corrida ao poder, a submissão dos partidos era a palavra de ordem.

Junte-se a isso a apatia do governo, no terreno econômico, a libertação dos escravos, desgostando os senhores de terras e o descontentamento dos militares e ter-se-á o quadro completo que levou o império ao chão.

A República nasceu com o Exército e com êle cresceu e consolidou-se.

Hoje, o Exército é o estelo da República e um dos fiadores do seu progresso.

República e Exército, portanto, dão-se as mãos, ao ensejo deste 64º aniversário do gesto de Deodoro, na certeza de que o progresso de ambos é a felicidade da Pátria.

